



**OS 8 MAIORES
SONHOS
DOS BRASILEIROS**

Relatos inspiradores e conselhos práticos de quem teve a chance de reescrever a própria história. Porque há duas características incríveis do ser humano para as quais parece não haver limite: a capacidade de persistir e de sonhar.

POR LIANA FERNANDES

1 Ter a casa própria

Marinete Travassos,
46 anos

Empregada doméstica e moradora do Rio de Janeiro há 30 anos.



Saí de Angola, na Paraíba, para o Rio de Janeiro sem nem sequer avisar à família. Minha história não deve ser muito diferente de boa parte dos sertanejos que saem do interior em busca de uma vida melhor. Aos 16 anos, deixei a roça onde trabalhava, praticamente como escrava, dia e noite, sem receber salário, porque decidi que aquela não era a vida que eu queria ter. Reencontrei minha mãe 12 anos após deixar Angola.

Com a roupa do corpo fui para a estrada e peguei carona para o Rio de Janeiro com um caminhoneiro que viajava com a família. Não tive medo. Eles iam para a Baixada Fluminense, onde moravam. No caminho, me ofereceram ajuda: se eu trabalhasse como doméstica na casa deles, teria um lugar para ficar e salário. Aceitei, claro. Morei com eles durante dois anos, até que resolvi alugar uma casinha para mim, na Baixada mesmo. Tive muita sorte!

Durantes esses 30 anos no Rio, encontrei outras casas de família para trabalhar e comecei a juntar dinheiro. Como todo brasileiro, queria mesmo era ter a minha própria casa. Então,

quando conheci o Lenildo, meu marido há sete anos, começamos a planejar a nossa casa, uma vez que ele já era dono de um terreno no bairro Boa Esperança, em Duque de Caxias. Aos poucos compramos o material e a casa ficou pronta em dois anos. Mas, ainda assim, eu queria comprar a *minha* casa...

Mais uma vez, juntei dinheiro e, há dois meses, comprei o meu terreno! Tenho orgulho porque consegui com o dinheiro do meu trabalho, sozinha.

De 15 em 15 dias compro parte do material de construção. Minha casa já está começando a ser construída, ali mesmo, no Boa Esperança. É um lugar tranquilo e acho que, no máximo, até o fim deste ano ficará pronta. Vai ser pequena, mas o que importa é que a casa será minha!

CONSELHO: Trabalhe bastante e seja honesto. Não construa nada em terreno alheio e legalize a documentação para que você não perca a sua futura casa e nem o dinheiro que investiu.

2 Abrir o próprio negócio

Tiago Dalvi, 23 anos

Diretor-executivo e cofundador da Solidarium.

A trajetória da minha família é empreendedora. Mas os negócios que os meus pais tiveram nunca decolaram por falta de uma boa gerência. Por isso, decidi estudar Administração.

Passei para a Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Mesmo longe de casa – eu morava em Londrina – meus pais me apoiaram. Essa experiência foi fundamental. Eu, que nunca tinha morado sozinho, aprendi a gerir minha vida, afinal, empreender também é administrar a vida pessoal.

No primeiro ano de faculdade, em 2002, entrei para a JR Consultoria – uma empresa júnior formada por estudantes e orientada por professores. Trabalhei lá por três anos. Um dos amigos que fiz no período, Rodrigo

Brito, me convidou para trabalhar em captação de recursos na Aliança Empreendedora, uma organização social que atua ajudando a diminuir os índices de pobreza, estimulando o pequeno produtor. Para ajudar os produtores a vender em lojas melhores e sair das feiras procurávamos grandes empresas e oferecíamos os produtos deles. Até que, finalmente, conseguimos um acordo entre um dos produtores e a Itaipu. Vendemos 3 mil anjinhos, que renderam 27 mil reais ao produtor. Não ganhamos nada com isso; não era essa a nossa intenção. Mas foi aí que deu o “click”.

Assim surgiu a Solidarium, em 2007, a partir de um projeto social de incentivo aos pequenos produtores. Sou o diretor-executivo e cofundador. Somos uma empresa de comércio justo de artigos domésticos, moda e decoração, feitos com matéria-prima sustentável. No início, a única coisa que tínhamos era um acordo com o Walmart para vendermos os produtos em

“Esperamos
faturar o
primeiro
milhão em
2010!”



apenas uma loja da rede, em Curitiba. Eu pegava o carro da minha namorada emprestado, levava os artigos até lá, os

colocava nas gôndolas e tentava vender. Mas em 2009 conseguimos estar presentes em 56 lojas do Walmart e firmamos uma parceria com 35 lojas da Tok&Stok e mais 110 da Renner.

Passamos por momentos difíceis, claro. O ano de 2009 foi o primeiro a ter o balanço positivo. Não desistimos porque temos um plano social, um compromisso com o empreendedor de baixa renda e sabemos que a nossa empresa pode crescer muito. É um sonho pessoal.

Hoje apoiamos 21 microempreendimentos. São mais de 170 pessoas beneficiadas com um aumento de 35% na renda mensal. Um dos nossos principais indicadores de erros e acertos é a renda do produtor: se o nosso lucro aumenta muito enquanto a renda do produtor diminui, temos de repensar o negócio. Mas temos certeza de que 2010 vai ser o ano do grande salto para nós: lançamos o primeiro grande *e-commerce* de

Os maiores sonhos dos brasileiros

Brilhar nos campos de futebol ou na telinha da TV, ver a família reunida na mesa, explorar os lugares mais exóticos do mundo, ter o seu livro publicado e admirado por milhares de leitores... Para muitas pessoas, são tantos os sonhos que é difícil eleger apenas um como o maior. Então, para descobrir os maiores sonhos dos brasileiros, Selekções fez uma pesquisa pela Internet com 4 mil pessoas e escolheu os oito mais votados para compartilhar com você. Eis os números da pesquisa completa:

30% ter a casa própria

18% abrir um negócio

16% ver os filhos felizes, formados e independentes

9% passar em um concurso público

7,7% salvar vidas

7,1% encontrar alguém para a vida toda

6,7% fundar uma ONG para ensinar arte

5,5% ter uma segunda profissão

comércio justo do Brasil e esperamos faturar o primeiro milhão este ano.

Se eu não tivesse contado com o apoio financeiro e moral dos meus pais durante a faculdade, quando ainda não ganhava dinheiro, talvez não tivesse aberto o meu próprio negócio. Acredito que a gente só muda o mundo se gera um resultado verdadeiro na prática. Quando converso com um

produtor e vejo que estamos mudando a vida dele, sei que estamos fazendo um bom trabalho.

CONSELHO: A Solidarium deu certo porque compartilhamos a ideia com muitas pessoas. Quem sonha abrir o próprio negócio deve procurar opiniões diversas, pesquisar sobre o seu setor e aprender a usar as ferramentas de gestão. E, claro, tentar ser sempre o número um.

3 Ver os filhos formados, independentes e felizes

José Freire, 77 anos, e Nacir Freire, 71 anos

Um sonho realizado nos filhos.

Apesar de meu pai sempre ter incentivado o nosso aprendizado, as dificuldades da época não permitiram que nenhum dos filhos completasse os estudos. O que hoje corresponde ao Ensino Médio, naquele tempo só era oferecido em Recife e, naquela época, tínhamos saído do sertão e morávamos na cidade de Arcoverde, a 253 quilômetros da capital.

Nasci na fazenda Passagem de Pedra, no sertão do Moxotó, interior de Pernambuco. Meu pai, Salvino de Araújo Freire, teve seis filhos, três homens e três mulheres. Com exceção de mim e do Eurico, que concluímos o Ensino Fundamental porque fomos trabalhar em Arcoverde, em 1958 – eu no Departamento Nacional de Obras Contra as

Secas (DNOCS) e ele no Banco do Povo –, os outros irmãos cursaram até o primeiro segmento do Ensino Fundamental, o antigo primário.

E foi em Arcoverde que conheci a Nacir. Nós nos casamos em 1961 e tivemos dois filhos: Fernando, de 47 anos, e Silvana, 45. Oito anos depois nosso casamento chegou ao fim e a Nacir ficou responsável por cuidar das despesas da casa enquanto eu me ocupava dos estudos dos meninos. Graças a Deus, meu salário permitia que nossos filhos não precisassem trabalhar e se dedicassem apenas aos estudos.

Embora eu não tenha conseguido terminar a escola, nunca deixei de acreditar que o sonho de meu pai de ver os filhos formados poderia, de alguma forma, se realizar nos netos. E a Nacir também sempre confiou na capacidade dos nossos filhos. Hoje Fernando é professor doutor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e a Silvana, que não quis cursar uma faculdade, trabalha em um banco e é feliz com o que faz.

CONSELHO: As dificuldades não são maiores do que a vontade de ser feliz, então, persevere!

4 Passar em um concurso público

Ricardo Mendes,
32 anos

Diplomata depois de 4 tentativas.

Em um daqueles dias de descontentamento com a profissão de revisor, eu passeava por um *site* de cursos pré-concurso, quando surgiu na tela o edital do Itamaraty. Fiquei impressionado com o conteúdo cobrado: histórias do Brasil e mundial, geografia, política internacional e economia, português e três línguas estrangeiras! Mas li gabaritos de questões anteriores e concluí que o perfil do diplomata era, mais do que o de um burocrata, o de um agente do Estado que deve conhecer a fundo o seu país. E o meu sonho era servir o meu país.

Durante as três primeiras tentativas, não passei sequer pela primeira fase do concurso – são quatro. Tive de rever meus métodos: adotei procedimentos que achava maçantes, como fichamentos, e parei de “brigar” com a prova para tentar resolvê-la conforme a perspectiva dos examinadores. Quando saiu o resultado final, o mundo passou a ser outro!

Mas a conjuntivite que peguei meses antes do início das provas e que me forçou a parar de estudar por dez dias serviu de lição: acreditar na realização do sonho, ter força de vontade e ânimo são válidos, mas não retratam quão complexo é estudar para um concurso.

CONSELHO: Muitos concursandos perguntam-se “Por que não passei?”. O conhecimento adquirido na universidade pode tornar a pessoa crítica em relação ao que é cobrado numa prova. Para passar, não bastam uma rotina de estudos, um bom curso e calma. Isso não vale nada se o candidato entrar na sala de prova desafiando o examinador, em vez de aceitar que não sabe tudo e respeitar os próprios limites.

5 Salvar vidas

Talitha Bonates,
32 anos

Cirurgiã geral e Oncologista do Instituto Nacional do Câncer

Estudei em bons colégios particulares no Rio de Janeiro, mas não eram tradicionais e não tinham histórico de aprovação alta nas faculdades públicas, principalmente em uma carreira tão concorrida como a Medicina. E, para mim, não havia outra opção senão a Medicina. Na segunda vez que prestei o vestibular, aos 18 anos, graças a Deus e ao apoio da minha família fui aprovada na UFRJ, onde sonhava estudar.

Sempre achei fascinantes os artigos sobre Neurobiologia e manipulação genética. Queria ser geneticista, até porque eu me sentia mal quando via acidentes ou pessoas visivelmente doentes. Mas, durante a faculdade, isso mudou. Gostei de lidar com pacientes em situações de emergência e, por isso, escolhi a Cirurgia Geral como primeira especialidade.

Nessa época, como um dos meus orientadores era cirurgião oncológico, tive a oportunidade de me aproximar de diversos pacientes com chances de serem curados dessa doença tão temida que é o câncer. Então, me inscrevi para a prova de residência do Inca e consegui entrar na reclassificação. Hoje, sou oncologista também.

Foi assim que descobri o sonho de salvar vidas. Escolhi especialidades que lidam com situações extremas e é muito gratificante quando a equipe consegue estabilizar e recuperar a saúde de um paciente em risco iminente de morte. Além disso, ter sucesso na cirurgia de um paciente fragilizado e amedrontado com o câncer é maravilhoso.

Mas, quando se fala de câncer, sabe-se que nem todas as pessoas conseguem a cura. Quando alguém morre, a sensação de perda e de impotência surge de forma mais ou menos intensa, dependendo do vínculo com o paciente, porque estamos lutando juntos pela vida. Mas aprendi – todos os estudantes de Medicina têm de aprender – a lidar com a morte da forma menos danosa e desconfortável possível, colocando a razão acima da emoção, sem, no entanto, ser insensível.



“É preciso colocar a razão acima da emoção, sem ser insensível.”

CONSELHO: Passamos por momentos muito difíceis, de cansaço físico e mental no dia a dia, mas que são superados. Não esqueço de quando um paciente de 14 anos julgou não ser capaz de suportar mais um ciclo de quimioterapia e abdicou da vida. Mas acredito que quem sonha em salvar vidas, em qualquer profissão, deve se dedicar muito para atuar da melhor maneira possível, sem esquecer de que é preciso preparo emocional a fim de enfrentar os momentos de perda, e, ainda assim, continuar perseguindo o sonho de salvar vidas!

6 Encontrar alguém para a vida toda

Monica Caldas, 43 anos, e Manoel José Caldas, 46 anos

Casados há 27 anos.

Quando nos casamos, não sabíamos que seria para a vida toda. Éramos jovens demais, mas gostávamos muito um do outro. Sem dúvida, foi um grande encontro!

O Manoel morava próximo à casa da minha prima, em Vila Valqueire, no Rio de Janeiro. E ela era apaixonada por ele. Certa vez, fomos a uma festa juntas e ele, que era o rapaz mais cobiçado da rua, me chamou para dançar. Mas só depois que a minha prima "autorizou" é que nós começamos a namorar. Eu tinha 12 anos e ele, 15.

Por um ano e meio namoramos escondido. Manoel foi meu primeiro namorado e eu a primeira namorada "séria" dele. Mas aquela situação nos desgastou e nós terminamos. Já não esperava mais vê-lo quando nos reencontramos, um ano depois, em um clube. Quando o vi, meu coração bateu tão forte... Voltamos a namorar, mas dessa vez

eu disse: "Se quiser ficar comigo, peça ao meu pai." E ele pediu!

Aos 15 anos, fiquei noiva. Manoel já estava na Aeronáutica e tinha de fazer um curso que duraria um ano, em São Paulo. Eu não queria esperar que ele voltasse, caso ele fosse. Conversamos e, aos 16 anos, terminando o curso Normal, eu estava casada. No início, meu sogro nos ajudou muito. E, com o dinheiro que o Manoel havia guardado desde os tempos em que recebia mesada, montamos o nosso apartamento. Mas essa não foi a maior dificuldade por que passamos.

Quando Manoel foi transferido para Manaus, em 2001, onde moramos por cinco anos, não tínhamos família perto, nem dinheiro. Eu estava concluindo a faculdade de Pedagogia, sem emprego, e tínhamos dois filhos, Leonardo – que tive aos 20 anos – e Gabriel, que nasceu seis anos depois. Nunca fomos tão unidos como nessa época.

E, apesar das brigas, nós nunca

"Nós nunca pensamos em desistir. Enquanto estivermos felizes, estará valendo a pena."



pensamos em desistir. Enquanto estivermos felizes, estará valendo a pena. Aliás, para nós, o momento mais feliz foi ver o Leonardo se casar, em janeiro deste ano. Temos a sensação de que cumprimos o nosso dever. E, talvez, a gente sinta esse momento diferente porque vemos a nossa própria história se repetindo – ele tem 23 anos, é militar, está morando em Manaus e a sua então noiva morava no Rio de Janeiro. Não queriam ficar separados. Ele encontrou o amor da

vida dele, assim como eu e o Manoel nos encontramos!

CONSELHO DA MONICA: Para casar, é preciso ter muita certeza. Se você ama e encontrou alguém que faz você se sentir de um jeito especial, case.

CONSELHO DO MANOEL: Casamento não é prisão. Tem de casar por amor, não porque está acostumado ou porque namora há muitos anos. Se você não está em busca de aventuras, está completo na relação e tem todas as chances de ter encontrado alguém para a vida toda!

7 Fundar uma ONG para ensinar arte

Júlio César Pereira,
34 anos

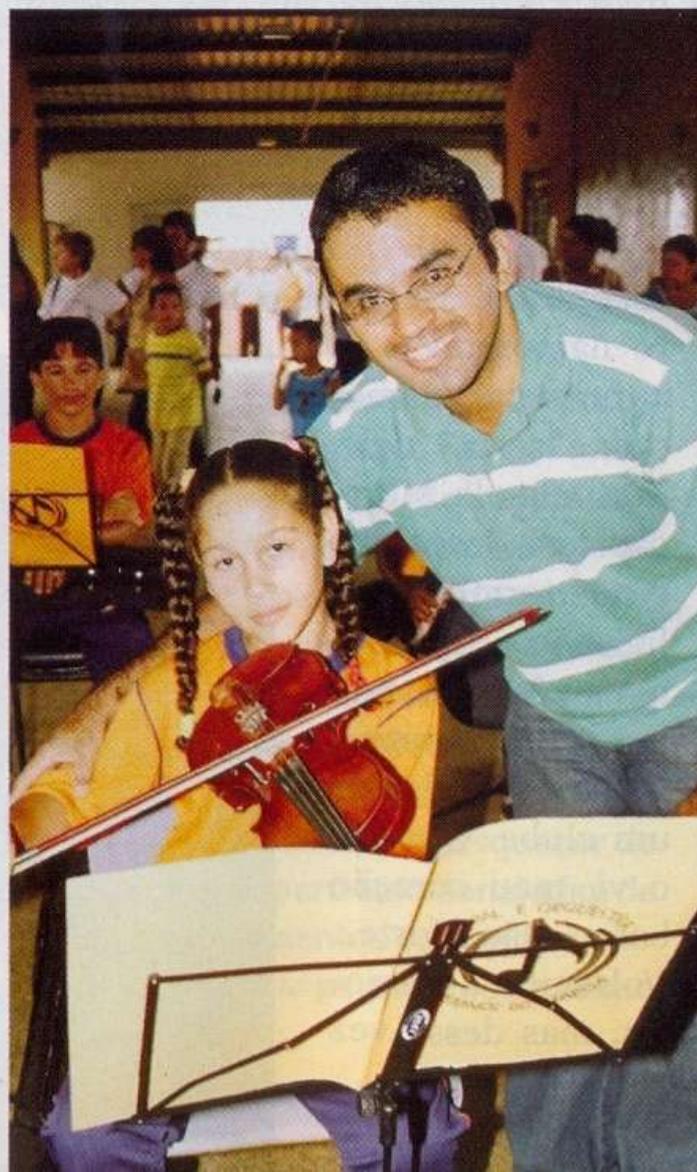
Maestro do Coral e Orquestra Meninos do Itapoã.

Meu pai, operador de trator, e minha mãe, dona de casa, não tinham condições de pagar uma escola particular para que eu estudasse. Mas talvez, graças a isso, a minha vida tenha mudado. Por meio de um projeto social do colégio público onde fui matriculado, conheci o violão, a flauta doce e o trombone. Assim começou a minha história com a música, aos 8 anos.

Depois de tocar nas escolas e igrejas da minha cidade, dei aulas de música. Estudei na Escola de Música de Brasília, fiz cursos na Universidade de Brasília, toquei em orquestras famosas, no Teatro Nacional, em embaixadas, e até fora de Brasília. Mas o meu sonho não era ser um instrumentista

renomado. Eu queria ensinar música, para crianças e jovens carentes.

Então, criar o Coral e Orquestra Meninos do Itapoã em 2007 foi uma



maneira de, além de agradecer pelo que fizeram por mim, fazer o mesmo por outros. Por meio da música tento levar um pouco de alegria, harmonia e amor a uma das cidades mais perigosas do Distrito Federal.

Para que o projeto saísse do papel, procurei escolas, empresários e a administração da cidade de Itapoã para estabelecer parcerias e comprar instrumentos e uniformes – muitos foram doados. Até conseguirmos uma sala para as aulas, elas aconteciam em

praças e calçadas. Mas o projeto teve uma repercussão tão maravilhosa que nós precisamos estendê-lo a crianças de comunidades próximas a Itapoã. Minha maior recompensa é ver a mudança na vida daqueles jovens e saber que, de alguma forma, contribuí para isso. É muito gratificante!

CONSELHO: Monte o seu projeto social o mais rápido que puder. É preciso especificar o público-alvo e a captação de recursos. Não esqueça da divulgação intensa e não desista.

8 Ter uma segunda profissão

Ricardo Tozzi, 34 anos

O ator descobriu a vocação para a arte há oito anos.

Eu era uma criança introspectiva, mas o engraçado é que acabei encontrando na comunicação, de certa forma, o meu caminho. Só aos 26 anos descobri que a minha verdadeira vocação era a arte!

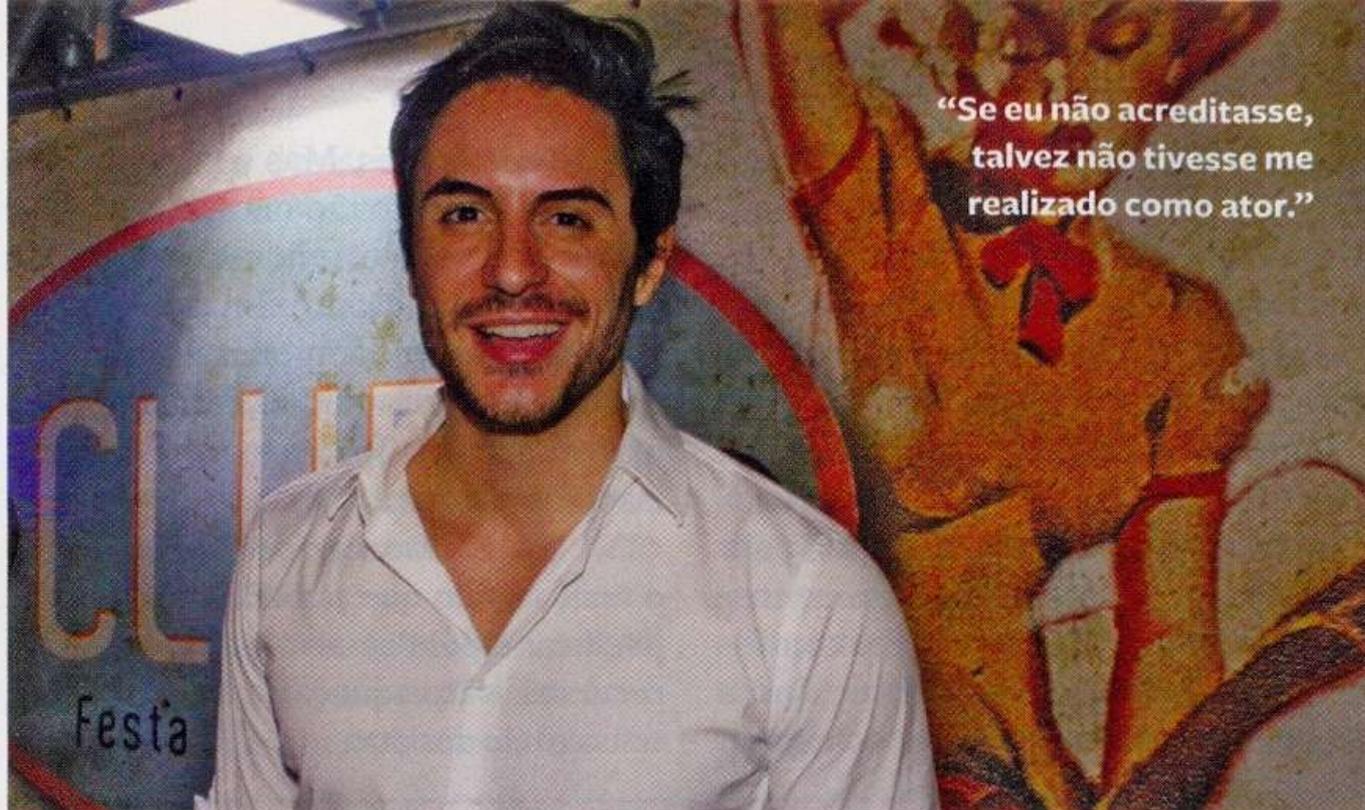
Sou de uma família tradicional de Campinas, interior de São Paulo, e meu pai já era empresário quando comecei a trabalhar na minha primeira carreira. Eu e meus irmãos estudamos Administração não para seguir os passos dele, mas porque achávamos que era isso o que queríamos.

Ainda na faculdade, aos 18 anos, fui estagiário da Câmara Americana de Comércio. Como eu sempre tive características de líder, em alguns anos

tornei-me gerente das unidades regionais, comandando a expansão e a operação no país inteiro, nas relações entre Brasil e Estados Unidos. Tornei-me conhecido no país e respeitado como executivo.

Essa fase foi uma das mais importantes da minha vida. Como eu trabalhava com muitos funcionários, a boa comunicação era essencial. Era franco e eu mesmo escolhia a minha equipe. E era relativamente feliz. Para motivá-los, voltei-me para estudos sobre vocação e plano de carreira.

Outro momento importante aconteceu durante a segunda vez em que tirei férias – passei cinco anos trabalhando sem parar, o que me trouxe problemas de saúde, sem causa aparente. Eu precisava descansar! Então, durante as férias, decidi ter um *hobby*: pintar. Comprei telas, tinta e pintei dez quadros. Um amigo gostou e colocou em exposição numa galeria. Em 15 dias vendi nove telas e ganhei o que não conseguia em um mês de trabalho.



“Se eu não acreditasse, talvez não tivesse me realizado como ator.”

A força desses acontecimentos foi impressionante, parecia um chamado.

A partir daí, resolvi fazer o que eu gostava mais: teatro. Sempre fui apaixonado e me emocionava muito com as peças. Mas tinha uma carreira estruturada, bem como orgulho do meu trabalho, do profissional que me tornei. Por outro lado, acredito que as nossas escolhas só são bem-sucedidas se feitas pelo coração. Pode parecer clichê, mas é verdade. Nem sempre as escolhas racionais são as que nos fazem feliz. Eu dizia isso aos meus funcionários e passei a questionar a minha própria vida.

Mas eu era muito careta, não contei a ninguém que ia estudar teatro. Trabalhava dez horas por dia e ia para o teatro à noite. Depois do primeiro ano de estudo, quando subi ao palco pela primeira vez com a peça *Romeu e Julieta*, tive certeza de que não poderia voltar atrás. Só faltava planejar a transição de uma carreira para outra. Nesse momento foi importante ser paciente e me preparar.

Quando fui admitido na Oficina da Globo, quatro anos depois, contei aos meus pais e aos amigos. Em dezembro de 2004 pedi demissão e fui para o Rio de Janeiro. Quando a oficina acabou eu não tinha nada. Logo eu, que gosto de trabalhar, fiquei desempregado. Mas na semana seguinte, o diretor Ricardo Waddington viu os testes da Oficina e me chamou para atuar na novela *Bang Bang*. E hoje, voltei ao teatro com a peça *Colapso*.

Sou muito abençoado. Sempre aconteceram coisas muito legais na minha vida e, se não fosse Deus, se eu não acreditasse, não tivesse colocado a energia certa, talvez não tivesse conseguido me realizar profissionalmente como ator.

CONSELHO: Ouçam o coração. Você é cobrado o tempo todo, todos os dias, de alguma forma, independentemente da escolha que faça. Então, se a vida já é tão difícil, por que não tentar fazer o que gosta? Por que lutar pelo que você não acredita? ■